

## O homem, o mar e o cavalo fantasma: antagonismos na novela *Der Schimmelreiter* de Theodor Storm

### RESUMO

**Helmut Paul Erich Galle**  
[hgalle@usp.br](mailto:hgalle@usp.br)  
Universidade de São Paulo (USP), São  
Paulo, Brasil.

Publicada em 1888, a novela *Der Schimmelreiter* (A assombrosa História do Homem do Cavalo Branco, trad. Mauricio Cardozo, 2006) é um dos textos mais canônicos do realismo alemão. Em seu centro está a história de um homem iluminista e progressista que, por volta de 1750, contra a resistência dos fazendeiros atrasados, implementa uma nova forma de dique para melhor proteger a comunidade e recuperar terras férteis do Mar do Norte; por negligenciar os antigos diques e subestimar a resistência do povo, ele próprio e sua família perecem em uma grande enchente, enquanto seu novo dique permanece firme. Contra o programa realista, fenômenos fantásticos e estranhos desempenham um papel central e interagem com a trama de forma a minar a narrativa do progresso e da civilização e afirmar as leis inerentes da natureza – sobretudo na forma do poder do mar. Essas contradições serão traçadas na palestra.

**PALAVRAS-CHAVE:** Realismo. Theodor Storm. Assombração. Força da natureza.

A literatura realista europeia do século XIX não é conhecida por se posicionar contra o progresso da tecnologia e a favor da natureza. Isso também se aplica aos realistas de língua alemã, entre os quais Theodor Storm (1817-1888) ocupa uma posição central no cânone. Sua novela *Der Schimmelreiter*, publicada em 1888, ano da morte do autor, se passa na costa do Mar do Norte, na Frísia, e trata de Hauke Haien, um homem de origem humilde que é um autodidata obsessivo na construção de diques, o que é vital em sua região. Ele chega à posição de “senhor-dos-diques” (Deichgraf) por meio de um casamento favorável e, sendo agora responsável para a proteção da sua comunidade contra o mar, defende suas ideias inovadoras sobre o perfil mais adequado para o dique contra os membros conservadores da comunidade de seu vilarejo. Empenhando-se na construção do novo modelo, no entanto, ele negligencia a manutenção do dique mais antigo, que se rompe durante uma tempestade, e sua família e o próprio senhor-dos-diques são engolidos pelo mar. Seu trabalho, porém, o novo dique com perfil achatado no lado do mar, resiste ao teste do tempo e permanece de pé ainda cem anos depois, ou seja, a ideia do Hauke Haien era correta e estava à frente do seu tempo. Esse núcleo da trama contém a mensagem do poder da engenhosidade humana. O visionário deve insistir e prevalecer sobre resistências conservadoras para, no final, proteger e expandir os lares e as terras das pessoas contra uma natureza destrutiva para o benefício de todos. Hauke Haien aparece quase como um segundo Fausto, que também pretende realizar um grande projeto civilizatório de aterro marítimo no último ato da segunda parte da tragédia de Goethe, mas morre antes que tudo possa ser concluído. Desde que a Alemanha foi unificada sob o comando do Imperador Guilherme I, em 1871, desenvolveu-se uma recepção nacionalista conservadora do clássico e de sua principal obra, que via o protagonista Fausto como o protótipo do homem de ação, o homem “fáustico” como se costuma dizer. As contradições que os críticos de hoje veem na busca de Fausto, sobretudo a ambivalência de sua missão civilizatória, não foram percebidas pelos leitores da época; eles consideravam o protagonista um herói totalmente positivo. O que a personagem de Goethe representa alegoricamente é concretizado por Theodor Storm em um indivíduo histórica e cenicamente definido com muita precisão.

Vale mencionar ainda que a novela não foi publicada originalmente como um livro, mas em duas partes na revista *Neue Rundschau* (1888, edições 4 e 5), um dos mais prestigiados daqueles periódicos que floresceram em toda a Europa no século XIX, assinados pela burguesia culta, lidos mensalmente e encadernados em livros no final do ano. A revista continha regularmente contribuições literárias de autores proeminentes, muitas vezes em parcelas, mas a maior parte das contribuições era composta de textos factuais sobre história, ciência, política, arte e literatura, escritos por corifeus contemporâneos dos respectivos assuntos. Os romances e as novelas realistas de um Theodor Storm, Gottfried Keller, Paul Heyse, Conrad Ferdinand Meyer e Theodor Fontane tiveram que se defender nesse contexto um tanto positivista. Esperava-se da sua literatura ser tão fiel à realidade quanto os artigos científicos populares e os autores pretendiam atender a essa demanda com seu programa de realismo poético. Não se tratava de uma representação naturalista da realidade – como na literatura francesa e inglesa, criticada pelos autores alemães –, mas de uma verdade superior que só poderia ser alcançada por meios ficcionais. Na novela de Storm, pode-se argumentar que essa verdade mais elevada está escondida, acima de tudo, nos momentos lúgubres, que acompanham o realismo da representação e se contrapõem a ele.

O resumo da trama fica, portanto, extremamente incompleto, pois não apenas ignora os aspectos sinistros do enredo, mas também negligencia completamente a forma da narrativa. Trata-se de uma estrutura habilmente encaixada em duas molduras ou seja: uma intradiegeese dupla (Genette). No primeiro nível, um narrador em primeira pessoa, que poderia ser identificado com o autor, relata seu primeiro encontro com essa história em uma leitura de sua infância. Ele rende de memória essa história que leu numa revista por volta de 1830; na revista, o narrador anônimo de segundo grau conta seu encontro com um fantasma enquanto cavalgava num dique em uma noite de tempestade, aparição que lhe é explicada pouco depois em uma taberna como o fantasma do antigo mestre-dos-diques Hauke Haien, o homem do cavalo branco, o Schimmelreiter. A história desse Hauke Haien, que teria vivido por volta de 1750, é revelada pelo narrador de terceiro grau, um mestre-escola do vilarejo, defensor do Iluminismo, que afirma que a história contém “muita superstição, e é uma arte contá-la sem isso”, mas, a pedido do ouvinte, ele não omite os elementos supersticiosos que, dessa forma, são passados para o leitor.

Por meio do duplo distanciamento intradieético da narrativa em relação à realidade do autor, Storm relativiza o status epistêmico das aparições sobrenaturais e, até certo ponto, preserva o caráter realista de sua novela. Afinal de contas, o programa realista é, em princípio, incompatível com fenômenos sobrenaturais e, nesse sentido, distinguiu-se explicitamente dos contos milagrosos do período romântico anterior (WÜNSCH, 1992, p. 13; REICHEL, 2001, p. 10; DURST, 2008; BEGEMANN, 2013, p. 100). No entanto, os fantasmas não são tão raros na obra de Storm, mas aqui eles aparecem apenas como fenômenos narrados dentro da ficção e não como fantasmas “reais”. No caso dessa novela, porém, os fenômenos assombrosos da intradiegeese penetram também a narração de segundo grau. O narrador do segundo nível encontra duas vezes esse homem que cavalga durante a tempestade em um cavalo branco e depois aparentemente desaparece em um poço de água junto com seu cavalo. O que torna a descrição detalhada dessa figura tão assustadora é a ausência de qualquer som produzido pelos cascos do cavalo. Pouco depois, os homens na taberna explicam a aparição como o famigerado “cavaleiro do cavalo branco”; além disso, a manifestação do fantasma se repete novamente do lado de fora das janelas da taberna onde o mestre-escola está contando a história de Hauke Haien. As pessoas presentes, já acostumadas com a aparência, entendem ela como alerta e saem para descobrir qual parte do dique está ameaçada pela enchente atual. Eles sabem por experiência que o fantasma do cavaleiro branco aparece em noites de tempestade para avisar os habitantes. Quando a realidade do fantasma é questionada pelo mestre-escola, o visitante é lembrado que ele mesmo viu o cavaleiro, já antes de ter ouvido falar de sua história e sem conhecimento da superstição associada a ela.

Portanto, pode-se presumir que Storm estava empenhado em dar a esse espírito uma certa existência, embora duvidosa, que adquire um significado central para sua narrativa e aparece até no título da novela. Tampouco se pode dizer que o fantasma é introduzido apenas para expor a superstição como tal, já que nem o mestre-escola, um racionalista convicto, consegue omitir os aspectos supersticiosos da sua narração. O leitor permanece em um limbo quanto ao que fazer com os fenômenos “sobrenaturais”. Para o leitor, permanece indefinido se as aparições de fato pertencem à realidade da ficção ou se são fruto da imaginação das pessoas envolvidas e por conseguinte invadem a narração. Isso corresponde aproximadamente à definição de fantástico de Todorov (TODOROV, 1992, p. 31;

cf. BEGEMANN, 2013, p. 105; REICHELT, 2001) que constata o estatuto incerto do sobrenatural na narrativa fantástica. Também estaria de acordo com a definição de Roger Caillois, para quem a irrupção de algo inexplicável, uma fissura na realidade normal, caracteriza a literatura fantástica (cf. BEGEMANN, 2012, p. 103; BEGEMANN, 2019, p. 230).

Se nos restringirmos à narrativa de segundo grau, porém, estamos lidando com um fantasma bastante benigno. Embora o cavaleiro tenha um ar estranho por ser um morto, um revenant, isso é atenuado pelo fato de que ele é familiar aos habitantes da costa e eles até o veem como um espírito benevolente que lhes mostra onde estão os perigos das inundações que se repetem ciclicamente. Mesmo depois de sua morte, Hauke Haien seria alguém que se preocupa com o bem-estar das pessoas, da mesma forma que a obra, o dique que leva seu nome, continua a proteger a comunidade, mantendo a violência do mar à distância.

Na narrativa de terceiro grau, os elementos assombrosos estão ligados ao caráter trágico do protagonista. Enquanto a novela como um todo termina com a partida do narrador (de 2º grau) que cavalga no outro dia, em tempo assolarado e pacífico, sobre o dique de reforma, a história interna de Hauke Haien termina em desespero. Ele se joga na água com seu cavalo quando percebe que a água está entrando por ele ter negligenciado as construções antigas em sua ambição e agora vê sua esposa e filha se afogarem na enchente. Era, como diz o narrador “o bramido do mau tempo anunciava o fim-do-mundo” (STORM, 2006, p. 141). Entretanto, não se trata de um suicídio, mas de um autossacrifício do protagonista, que se despede do mundo com as palavras: “Senhor, meu Deus, leva-me contigo, mas poupa os outros!” (STORM, 2006, p. 142).

Sua morte voluntária é, portanto, uma espécie de revisão da sua anterior recusa a um sacrifício. Sua esposa havia-lhe contado sobre um costume dos habitantes da costa:

se alguém, algum dia, quisesse construir uma barragem capaz de resistir à força daquele canal, seria preciso prender ali dentro alguma coisa viva. E enterrá-la junto. Ao construírem o dique do outro lado da enseada, há uns cem anos, dizem que enterraram lá uma criança cigana, que teriam comprado da própria mãe por muito dinheiro. Mas, hoje em dia, ninguém venderia o seu próprio filho! (STORM, 2006, p. 73)

Durante a obra do novo dique, Hauke Haien percebe que os homens realmente querem jogar um cachorro vadio no poço de escavação. Ele intervém e salva o animal com as palavras: “Não haverá ultraje em nosso trabalho!” O cachorro é salvo, mas Haien encontra uma resistência feroz dos homens e sua autoridade é posta à prova. O protagonista aparece mais uma vez como um homem de esclarecimento e progresso, enfrentando a superstição bárbara dos ignorantes. Os leitores do século XIX, com certeza, estão do seu lado. A lógica do enredo, entretanto, é diferente. Por mais horrível que o costume possa ter parecido para eles (e para nós), ele se baseia em tradições antigas e universais, segundo as quais o sacrifício de uma construção (Bauopfer) serve “para reconciliar entidades demoníacas, em cujo domínio o homem intervém por meio de suas construções.” (BÄCHTOLD-STÄUBLI, 1927, p. 962) A entidade demoníaca, nesse caso, é o mar. Os habitantes da costa sabem, por séculos de experiência, que sua violência não pode ser calculada e é por isso que eles preferem oferecer-lhe um ser vivo em vez de eles mesmos serem vítimas. Sem dúvida, isso é irracional,

porque o mar não é um demônio que se importaria com os supostos sacrifícios que são oferecidos ou não a ele. Se por um lado, a narrativa recomenda ao leitor a simpatia pelo ato heroico de Hauke Haien contra a superstição bárbara, ela também mostra que a confiança dele em sua técnica de engenharia é equivocada. Embora seu próprio dique dure pelos próximos cem anos, isso acontece – assim insinua a narração – por que seu próprio criador se sacrificou, quando se deu conta da sua hybris. Como comenta Christoph Begemann:

O que o iluminista havia negado anteriormente agora se apodera dele, e de forma radicalizada, quando ele retorna do sacrifício animal para o sacrifício humano. Assim como as rupturas da história interna - nos personagens e fora deles - são geralmente reproduzidas na moldura, o próprio ato sacrificial de Hauke também retorna, pois esse é o mesmo lugar, a mesma “ruptura”, na qual o homem do cavalo branco mergulha no próximo nível narrativo para avisar sobre o “desastre” - e o texto também permite que essa profecia seja cumprida. (BEGEMANN, 2019, p. 228)

A história realista sobre o criador de diques, vencido pelas forças elementares que ele havia inicialmente negado, ensina o leitor sobre o poder da natureza, que não pode ser compreendido completamente pelo homem com seus meios racionais. O retorno do cavaleiro branco após sua morte aparece como espécie de expiação de uma dívida que ele tem de pagar aos elementos.

Contudo, o nível sobrenatural da história não se limita ao aspecto do sacrifício. O cavalo desempenha um papel significativo. Na história interna, o cavalo só aparece quando Hauke Haien recebe de seu superior a autorização para o novo dique. Em um episódio aparentemente incidental, dois empregados já haviam observado um esqueleto de cavalo em uma ilha no mar que parecia ganhar vida à noite. Esse esqueleto desaparece quando o senhor-dos-diques volta da cidade com o cavalo recém adquirido sum circunstâncias sinistras. Ou seja, a lógica da narrativa insinua que o cavalo (branco!) de Hauke Haien é um ser sobrenatural. A compra foi precedida por uma conversa entre Hauke e sua esposa, na qual ficou claro que seu projeto também era motivado por interesses econômicos. Como resultado da nova construção, uma grande área de terra, que anteriormente ficava em frente aos diques, seria definitivamente drenada e transferida para a posse segura dos agricultores – e o mestre-dos-diques teria ganhado a parcela maior. Esse aumento em sua já considerável riqueza é desnecessário porque, como sua esposa ressalta, eles nem sequer têm filhos. O dique, portanto, não é motivado só pela maior segurança dos habitantes, mas também por uma dinâmica própria de aumentar a propriedade e da ganância. Ou seja: são motivos duvidosos, que seguem a lógica do capitalismo ou, em contextos religiosos, estão relacionados a um pecado mortal.

A construção do dique e a hybris de Hauke Haien começam exatamente na segunda metade da história – onde ela foi interrompida na edição da revista, deixando os leitores em suspense durante um mês. O narrador relata a visita de Hauke Haien à cidade, onde ele recebe permissão para construir seu dique e, no caminho de volta, compra um cavalo branco completamente dilapidado. As circunstâncias que envolvem a compra são assustadoras: o vendedor é um sujeito duvidoso que inicialmente pede muito dinheiro. Hauke Haien tem a sensação repetida de que o animal está olhando para ele suplicante e acaba aceitando a compra por um preço mais baixo, um de vários motivos relacionados ao pacto demoníaco.

– Aí então, mulher, topei o negócio e apertei aquela mão escura, pra mim, mais parecia uma garra descomunal – que o sujeito me estendia. Agora temos um cavalo branco, e por um preço mais que razoável. Só estranhei uma coisa: quando eu já vinha seguindo o meu caminho, ouvi uma gargalhada atrás de mim. No que me virei, lá estava o cigano: pernas afastadas, braços atrás do corpo, rindo como um demônio. (STORM, 2006, p. 85)

A figura não apenas ri “como um diabo” – o comércio certamente mostra sinais de um pacto com o demônio. A natureza diabólica do comerciante e do cavalo também são indicadas por muitos detalhes. A esposa fica assustada com a história e tem premonições ruins, mas isso não impede Hauke Haien de cuidar do animal, recuperar sua saúde e usá-lo exclusivamente, sobretudo porque este não tolera nenhum outro cavaleiro. Os habitantes da comunidade fazem comentários sobre o corcel selvagem como “o diabo está montado nele” e essas falas são completadas por Haien com: “E eu!” A única pessoa na história que não reconhece a natureza demoníaca do animal, mas a ignora contra seu bom senso, é o mestredosdiques. Sua família e, mais ainda, os aldeões, por outro lado, percebem com horror a aura diabólica do animal, que é transferida para seu dono. O crítico Volker Hoffmann (1996) analisa cuidadosamente os elementos do pacto subjacentes à história realista e afirma que o animal funciona como uma espécie de “diabo construtor” (Bauteufel) que ajuda na realização do novo dique (HOFFMANN, 1990, p. 347), uma figura conhecida de outras narrativas sobre pactos demoníacos.

Vale ressaltar que as referências ao pacto são implícitas: os personagens supersticiosos ficam assustados pelas circunstâncias e usam expressões idiomáticas como “den reit der Teufel” (“ele é selvagem” ou “está possuído”), mas nem eles, nem o narrador falam expressamente de um pacto e o protagonista seria o último a perceber. É o leitor quem entende as alusões literárias. Ele não precisa ser supersticioso como a população rural do século passado. O motivo do pacto com o diabo funciona em um nível simbólico e deixa claro que há “poderes demoníacos” em jogo aqui. A construção do novo dique pode não estar errada em si, mas a ambição do construtor e sua fé cega nas habilidades humanas são fundamentalmente falhas diante das forças elementares. Enquanto o Fausto de Goethe passa por sua apoteose como um super-homem alemão durante o período da publicação da novela, o chamado Gründerzeit – o Zaratustra de Nietzsche apareceu na mesma década (1883-1885) –, Storm renova o potencial crítico da tragédia.

O fato de o revenant fáustico Hauke Haien ter fracassado devido à violência do mar pode ser entendido como uma declaração poética contra o espírito da época e reafirma a problemática do homem prometeico, formulada por Goethe. Afinal, o simbolismo do pacto com o demônio é, por si só, um aceno “com o casco do cavalo”, por assim dizer, que deve alertar o leitor esclarecido sobre a ambivalência ética do progresso moderno. No último ato de Fausto II, a ambivalência do progresso da civilização é mostrada mediante o holocausto cometido no casal Philemon e Baucis e a destruição da natureza do velho mundo como mostraram, entre outros, Michael Jaeger e Marcus Mazzari. A tragédia culmina no fracasso do projeto da criação de novas terras do mar – como se sabe, em vez de um povo livre que cria fossas de drenagem, a ilusão do protagonista, são lêmures, dirigidos por Mefistófeles, cavando a tumba do próprio Fausto.

Da mesma forma, o herói de Storm fracassa com sua obra, enganado pelo “demônio” que o possui desde a infância. Ao contrário de Fausto, ele reconhece seu erro e espia sua culpa na esperança de salvar “os outros”. O homem racional, no seu último momento, reconhece os limites da razão. O final ensolarado e pacífico da novela parece confirmar a solidez do dique e das obras humanas, mas toda a trama insiste na incerteza da civilização e do iluminismo. É exatamente essa realidade que ainda é assombrada pelo fantasma de Hauke Haien. Talvez não seja coincidência que – em mais um paralelo a Goethe – essa história, lida na infância, tenha acompanhada o autor Theodor Storm até seu leito de morte e represente seu legado para a posteridade.

## The man, the sea, and the phantom horse: antagonisms in Theodor Storm's novella *Der Schimmelreiter*

### ABSTRACT

The novella *Der Schimmelreiter* (The Rider on the White Horse), published in 1888, is one of the canonical texts of German realism. It tells the story of a man of enlightenment and progress who, around 1750, overcomes the resistance of backward farmers to implement a new form of dike in order to better protect the community and gain fertile farmland from the North Sea. Because he neglects the old dikes and underestimates the resistance of the people, he and his family perish in a great flood, while his new dike withstands the waters. Eerie, fantastical phenomena play a central role in the realistic plot and interact with the action in a way that undermines the narrative of progress and civilisation and asserts the autonomy of nature, especially in the shape of the sea. This lecture will trace these contradictions.

**KEYWORDS:** Realism. Theodor Storm. Spook. Elements.

## REFERÊNCIAS

BÄCHTOLD-STÄUBLI, Hanns. Handwörterbuch des deutschen Aberglaubens: Band 1 Aal-Butzemann, Berlin: de Gruyter, 1974.

BEGEMANN, Christian. Nachtgespenster - Überbleibsel: Zum Verhältnis von Moderne und kulturellem Imaginärem bei Theodor Storm. In: GERREKENS, L.; PASTOR, E.; LEYH, V. (Org.). Storm, Theodor. Konventionen und Tabubrüche: Theodor Storm als widerspenstiger Erfolgsautor des deutschen Realismus, Berlin: Erich Schmidt Verlag, 2019. p. 201–231.

BEGEMANN, Christian. Phantastik und Realismus: Deutschland. In: BRITTNACHER, H. R.; MAY, M. (Org.). Phantastik: Ein interdisziplinäres Handbuch, Stuttgart, Weimar: J. B. Metzler, 2013, p. 100–108.

BLÖDORN, Andreas; WÜNSCH, Marianne. Der Schimmelreiter. In: DEMANDT, C.; THEISOHN, P.; Christian Demandt / Philipp Theisohn (Hg.) (Org.). Storm-Handbuch: Leben, Werk, Wirkung, Stuttgart: J.B. Metzler, 2017., p. 250–260.

DURST, Uwe. Das begrenzte Wunderbare: Zur Theorie wunderbarer Episoden in realistischen Erzähltexten und in Texten des „Magischen Realismus“. Berlin, Münster: LIT-Verl., 2008.

FREUND, Winfried. Theodor Storm Der Schimmelreiter: Lektüreschlüssel. Stuttgart: Reclam, 2015.

GALLE, Helmut. Zur Fiktionalität realistischen Erzählens. Am Beispiel von Autoren des poetischen Realismus in der Deutschen Rundschau. In: MISSINNE, L.; SCHNEIDER, R.; VAN DAM, B. T. (Org.). Grundthemen der Literaturwissenschaft: Fiktionalität, Berlin: de Gruyter, 2020. p. 122–152.

HAMILTON, John. Rahmen, Küsten und Nachhaltigkeiten in Theodor Storms „Der Schimmelreiter“. Weimarer Beiträge, v. 61, n. 2, p. 165–180, 2015.

HOFFMANN, Volker. Theodor Storm: Der Schimmelreiter (1888): Eine Teufelspaktgeschichte als realistische Lebensgeschichte. Erzählungen und Novellen des 19. Jahrhunderts. Interpretationen. Band 2, Stuttgart: Reclam, 1990, p. 333–370.

JAEGER, Michael. Fausts Kolonie. Goethes kritische Phänomenologie der Moderne. Würzburg: Königshausen & Neumann, 2003.

JAEGER, Michael. Calvário – pira funerária: O Fausto de Goethe ou perfeccionismo e melancolia. In: GALLE, H.; MAZZARI, M. (Org.). Fausto e a América Latina, São Paulo: Humanitas, 2010, p. 19–36.

KORTEN, Lars. Poietischer Realismus: Zur Novelle der Jahre 1848-1888: Stifter, Keller, Meyer, Storm. Tübingen: M. Niemeyer, 2009.

MAZZARI, Marcus V. A dupla noite de tílias: História e natureza no Fausto de Goethe. São Paulo: editora 34, 2019.

ORT, Claus-Michael. Zeichen und Zeit: Probleme des literarischen Realismus. Tübingen: M. Niemeyer, 1998.

OSTERKAMP, Ernst. Dämonisierender Realismus. Bemerkungen zu Theodor Storms Erzählkunst. In: STROWICK, E.; VEDDER, U. (Org.). Wirklichkeit und Wahrnehmung: Neue Perspektiven auf Theodor Storm, Bern, New York: Peter Lang, 2013. p. 39–54.

REICHELT, Gregor. Fantastik im Realismus: Literarische und gesellschaftliche Einbildungskraft bei Keller, Storm und Fontane. Stuttgart: Metzler, 2001.

STORM, Theodor. Der Schimmelreiter I. Deutsche Rundschau, p. 1–34, April.

STORM, Theodor. Der Schimmelreiter II. Deutsche Rundschau, p. 161–203, Mai.

STORM, Theodor. O homem do cavalo branco e outras novelas. São Paulo: Boa Leitura Editora, [1963].

STORM, Theodor. A assombrosa história do homem do cavalo branco: Da novela Der Schimmelreiter. Curitiba: Ed. UFPR, 2006a.

STORM, Theodor. O centauro branco: da novela der Schimmelreiter (1888). Curitiba: Editora UFPR, 2006b.

STROWICK, Elisabeth. „Eine andere Zeit“. Storms Rahmentchnik des Zeitsprungs. In: STROWICK, E.; VEDDER, U. (Org.). Wirklichkeit und Wahrnehmung: Neue Perspektiven auf Theodor Storm, Bern, New York: Peter Lang, 2013. p. 55-72.

TODOROV, Tzvetan. Einführung in die fantastische Literatur. Frankfurt a. M.: Fischer, 1992.

WILPERT, Gero von. Die deutsche Gespenstergeschichte: Motiv - Form - Entwicklung. Stuttgart: Alfred Kröner, 1994.

WÜNSCH, Marianne. Vom späten ‚Realismus‘ zur ‚frühen Moderne‘: Modell eines literarischen Strukturwandels. In: WÜNSCH, M. (Org.). Realismus: (1850-1890); Zugänge zu einer literarischen Epoche, Kiel: Ludwig, 2007. p. 337-359.

**Recebido:** 17 jul. 2025

**Aprovado:** 17 ago. 2025

**DOI:** 10.3895/rl.v27n50.20344

**Como citar:** GALLE, H.P.E. O homem, o mar e o cavalo fantasma: antagonismos na novala Der Schimmelreiter de Theodor Storm. R. Letras, Curitiba, v. 27, n. 50, p. 22-32, jan./jul. 2025. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rl>>. Acesso em: XXX.

**Direito autoral:** Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

